Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

O Fotojornalismo como Narrativa de Reencantamento: Uma análise da visualidade entre Capitalismo e Natureza no contexto da Hipermidiatização[1]

Photojournalism as a Narrative of Re-enchantment: An analysis of visuality between Capitalism and Nature in the context of Hypermediatization

Ana Alicia Flores

Palavras-chave: Midiatização; Fotojornalismo; Divulgação Científica.

Este trabalho reflete sobre a capacidade narrativa do fotojornalismo na comunicação popular da ciência como estratégia de enfrentamento ao "desencantamento" provocado pela hipermidiatização. No cenário atual do capitalismo, os grandes veículos de comunicação focados no lucro costumam utilizar fotografias com uma estética bastante técnica. São imagens genéricas e repetitivas que, muitas vezes, por serem tão comuns, acabam criando um distanciamento, invisibilizando os sujeitos e a fauna, que de fato compõem o ecossistema. A partir das reflexões de Nick Couldry (2014) sobre o mito do *big data*, de Muniz Sodré (2015, 2021) sobre a ciência do comum, de Susan Sontag (2004) sobre a fotografia como projeto de notação e de Aidar Prado (2025) sobre a superprodução semiótica imaterial, analisamos como a obra de Araquém Alcântara restabelece o laço entre as pessoas e o lugar onde vivem. A integração entre o ser humano e o meio ambiente juntos na mesma imagem ajuda a trazer o sentido de volta para a ciência, funcionando como uma forma de reencantamento e resistência contra a frieza da tecnologia e da automação digital.

Apesar de termos acesso a uma quantidade enorme de registros e dados, as

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

escolhas editoriais em um mundo saturado por mídias e tecnologias podem acabar criando um distanciamento da realidade. No cenário do capitalismo, os veículos costumam priorizar fotografias com uma visualidade técnica e repetitiva, como gráficos ou mapas de satélite, que tratam a natureza apenas como um dado ou mercadoria. Esse jeito de produzir imagens acaba objetificando o tema e afastando o público, pois ignora o vínculo humano e a vida que existe naqueles territórios. Este trabalho reflete sobre como o fotojornalismo pode ser uma estratégia para enfrentar o que Couldry (2014)

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

denomina desencantamento do mundo digital, recuperando a emoção e o sentido na comunicação da ciência.

O autor defende que existe hoje uma crença de que números, estatísticas e grandes volumes de dados seriam suficientes para explicar toda a realidade social por si sós. Essa visão acaba sendo uma anti-hermenêutica, pois ignora que o sentido das coisas nasce da interpretação das pessoas e das relações humanas, e não apenas de cálculos frios. O jornalismo ainda utiliza com frequência fotografias que, apesar de captadas por câmeras, acabam gerando um efeito semelhante de afastamento. São aquelas imagens panorâmicas de áreas desmatadas ou registros repetitivos de troncos queimados vistos de longe. Embora sejam fotos reais, elas operam como um dado visual genérico que o público já se acostumou a ver, o que acaba diminuindo o impacto emocional da mensagem. Ao focar apenas no cenário de destruição isolado, sem a presença de seres vivos, essas fotografias passam uma ideia de um objeto distante e sem vida própria.

Essa forma impessoal de retratar a ciência se relaciona com as reflexões de Sodré (2015) sobre a ciência do comum. Sodré explica que existe uma diferença central entre comunicação e midiatização. Para ele, a comunicação é o que cria laços e mantém as pessoas unidas por um sentido compartilhado, já a midiatização, quando é guiada apenas pelo lucro e pela tecnologia, pode gerar um ambiente de incivilidade. Nessa sociedade incivil, a tecnologia deixa de ser uma ponte e passa a ser um ambiente que isola as pessoas em bolhas de consumo e informações repetitivas. Ao tratar a natureza como um objeto vazio e sem presença humana, esse tipo de fotografia acaba reforçando o desencantamento, o conhecimento parece algo externo e que não tem relação com a vida real das pessoas.

O fotojornalismo humanizado pode funcionar como uma “hermenêutica da anti-hermenêutica”, como um jeito de recuperar o sentido que os números e dados acabam apagando. Como explica Sontag (2004), a fotografia funciona como um projeto de notação, ou seja, um modo de registrar o mundo e torná-lo parte da nossa experiência. Fotografar não serve apenas para ilustrar algo que já existe, serve para dar uma importância e um sentido que as estatísticas não conseguem transmitir. Sontag destaca que a imagem possui a capacidade de permitir que se conheça a informação

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

técnica do ocorrido e, simultaneamente, se reconheça a dignidade e a vida presentes naquela cena. Quando a comunicação da ciência usa o fotojornalismo para mostrar não

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

apenas o que está sendo estudado, mas quem faz parte daquilo, ela permite que o público se conecte com o conhecimento de forma emocional. Assim, a fotografia deixa de ser um simples enfeite e passa a ser um lugar onde o conhecimento ganha significado.

A forma como o meio ambiente é retratado foi construída sob a influência de uma visão vinda do Norte Global. Essa perspectiva tende a observar o Sul apenas como um depósito de recursos naturais ou um território que precisa ser monitorado tecnicamente. É nessa visão "colonizadora" que nasce a estética fria mencionada anteriormente, pois ela produz o fenômeno dos "corpos abandonados" ao focar apenas na preservação da natureza de forma isolada, apagam-se as pessoas e as comunidades que realmente habitam e protegem esses locais. Nesse cenário, as reflexões de Sodré (2021) sobre a "ciência do comum" tornam-se essenciais.

Sodré defende que o conhecimento não deve ser algo distante ou puramente técnico, mas sim uma prática baseada no vínculo e na convivência entre os seres. Ao unir o ser humano e o território em uma mesma imagem, o trabalho de Alcântara desafia o olhar estrangeiro que costuma "limpar" a paisagem de seus habitantes. Essa escolha de incluir as pessoas no registro retira os sujeitos da invisibilidade, demonstrando que não existe preservação da natureza sem a preservação das vidas e das culturas locais. O fotojornalismo humanizado funciona, portanto, como uma forma de resistência política. Ele transforma a divulgação científica em um espaço de dignidade para as populações que, geralmente, são deixadas de fora das grandes narrativas oficiais.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Figura 1 - Amazônia 05



Fonte: https://araquemalcantara.com/produto/amazonia-05/ (2013)

A análise proposta adota um percurso metodológico hermenêutico voltado para a visualidade, tendo como objeto a produção de Araquém Alcântara. Sua obra documental desafia a estética comum em notícias ambientais que retratam paisagens desertas, apresentando a natureza não como um espaço vazio, mas como palco de convivência profunda entre espécies e populações. Essa recusa da paisagem deserta consolida-se como marca autoral do fotógrafo. Ela é evidenciada pela categoria de obras intitulada 'Gente' em seu acervo, que reúne inúmeros registros dessa integração humana com o território, a exemplo da fotografia *Pescador de Ajuruteua* (Amazonas, 2022), na qual a figura do trabalhador local surge indissociável das águas e do bioma. Nesse percurso, a fotografia deixa de ser uma mera ilustração e atua como uma ferramenta narrativa ativa na construção de sentidos. A interpretação articula-se a Sontag (2004), compreendendo que 'fotografar é apropriar-se do que se fotografa' como uma tomada de posição intencional e empática, distante da lógica extrativista. Como critério de seleção,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

a imagem principal (*Amazônia 05*) foi escolhida por sintetizar visualmente o 'nexo

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

vincular' (Sodré, 2015), ao registrar o contato direto entre crianças e uma imensa árvore. Ao tensionar esses elementos visuais com os conceitos de 'ciência do comum' (Sodré, 2015) e 'superprodução semiótica' (Prado, 2025), o método revela como a estética de Alcântara constrói o reencantamento.

O fluxo constante de imagens nas redes sociais, o que Prado (2025) define como superprodução semiótica imaterial, se apoia na crença de que o registro deve ser neutro e meramente informativo para ter validade científica. Essa busca pela neutralidade acaba gerando imagens sem rostos ou histórias, o que esvazia o sentido dos fatos e os transforma em produtos de consumo rápido e sem profundidade. A fotografia de Alcântara consegue interromper essa distração. Ao destacar o laço entre a floresta e as crianças, a imagem mostra a vida em evolução, transformando um simples registro em uma história de pertencimento. Esse reencontro entre o ser humano e a natureza devolve à comunicação da ciência o vínculo que o mundo digital costuma apagar, permitindo que o público se reencante e se sinta, de fato, parte do ecossistema.

Deve-se considerar, ainda, o impacto dessa visualidade em redes sociais como o Instagram. Nessas plataformas, a superprodução semiótica (Prado, 2025) e o distanciamento da realidade agravam-se com a popularização da inteligência artificial generativa. Plataformas de IA automatizam a criação de imagens, ilustrando informações sem um corpo real por trás. Em contrapartida, o fotojornalismo exige o deslocamento e o encontro direto com o outro. Essa presença física no território estabelece uma troca de verdade entre quem fotografa e quem observa.

Diferente das imagens algorítmicas, que criam cenários artificiais, a fotografia resiste politicamente ao comprovar a existência concreta de ecossistemas e populações, não redutíveis a linhas de código. O valor desse registro está na garantia ética do testemunho: o fotógrafo compartilhou o tempo e o espaço com os sujeitos retratados. No fluxo veloz das redes sociais, essa dimensão do testemunho impede que os habitantes das margens sejam tratados como 'corpos abandonados' pelas narrativas oficiais.

Pelo contrário, o ato de fotografar com humanidade coloca esses sujeitos no centro da cena, transformando a divulgação científica em uma ferramenta de

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

reconhecimento social e político. A imagem deixa de ser uma representação genérica e passa a ser uma prova de existência. Assim, o 'gozo' (Prado, 2025) deixa de ser um

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

estímulo passageiro para se tornar uma consciência coletiva. Ele lembra ao público que a natureza e as populações que a protegem são realidades concretas que exigem cuidado e presença, e não apenas representações descartáveis em uma tela.

Em conclusão, este trabalho sustenta que produzir conhecimento no contexto atual exige uma revisão dos fundamentos teóricos e metodológicos da comunicação científica. Não basta informar; é preciso comunicar, no sentido mais radical de pôr em comum. O fotojornalismo de Araquém Alcântara nos mostra que o caminho para o reencantamento passa pela recusa da imagem "limpa" e pelo abraço à imagem "vincular". Ao colocar sujeitos situados em sua complexidade de conectividade e território, a fotografia deixa de ser um mero registro para tornar-se uma via de justiça e política. A divulgação científica reencantada é aquela que reconhece que não há natureza sem povo, e que não há conhecimento sem a sensibilidade do olhar que reconhece o outro.

Referências

ALCÂNTARA, Araquém. **Amazônia 05**. 2013. 1 fotografia. Disponível em: https://araquemalcantara.com/produto/amazonia-05/. Acesso em: 12 maio 2026.

ALCÂNTARA, Araquém. **Coleção Gente**. [s.d.]. Disponível em: https://araquemalcantara.com/colecao/gente/. Acesso em: 7 ago. 2026.

ALCÂNTARA, Araquém. **Pescador de Ajuruteua. Amazonas**. 2022. 1 fotografia. Disponível em: https://araquemalcantara.com/produto/gente-23/. Acesso em: 7 ago. 2026.

COULDRY, Nick. **O mito do Big Data e a ética da mediação**. Matrizes, v. 8, n. 2, p. 35-46, 2014.

PRADO, J. L. A. Urgência e emergência no capitalismo comunicacional ou repensando a importância do reconhecimento. **MATRIZes**, v. 18, n. 3, p. 221-235, 2025.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SODRÉ, Muniz. 2021. **A sociedade incivil**: mídia, iliberalismo e finanças. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

SONTAG, **Susan. Sobre fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.